

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS HEIDEGGERIANOS A PARTIR DE *SER E TEMPO*: UMA RENOVAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA ÍNTIMA QUESTÃO DO SER.

INTRODUCTION TO STUDY FROM HEIDEGGER'S BEING AND TIME: A CONTEMPORARY RENOVATION OF INTIMATE MATTER OF BEING.

Cristiano Cerezer¹
Ana Paula Marquesini Flores²
Isis Moraes Zanardi³

Resumo

Martin Heidegger (1889-1976) é um dos pensadores fundamentais do século XX, seja pela recolocação do *problema do ser*, seja pela *renovação da ontologia* contemporânea a partir da fenomenologia husserliana. Para uma melhor compreensão da filosofia heideggeriana parece-nos necessária uma introdução sobre seus estudos e terminologias. Ela deverá ser feita a partir de sua obra maior – *Ser e Tempo* (1927) – em que se entende que o homem só pode existir enquanto intimidade com o mundo e num circuito de inteligência com o real. Existir é estar mergulhado em possibilidades que devem ser apropriadas numa *auto-compreensão* que implica já a compreensão ou desvelamento do ser em geral. Procedemos pela análise interrogativa de comentadores que versam sobre o autor-base, partindo da análise da Introdução e Posfácio da obra deste autor e da Nota inicial da Tradutora, que utilizaremos para uma melhor compreensão dos termos utilizados pelo autor. Este trabalho visa facilitar o início aos estudos de Heidegger, dando suporte para compreender os termos utilizados. Toma-se como fio condutor a *questão do ser* relacionada com a mundaneidade e a compreensividade.

Palavras-chave: Filosofia Contemporânea; Heidegger; Ser e Tempo; Ontologia.

Abstract

Martin Heidegger (1889-1976) is one of the key thinkers of the twentieth century, by the replacement of the problem of being and by the renewal of contemporary ontology from Husserlian phenomenology. For a better understanding of Heidegger's philosophy seems necessary an introduction to their studies and terminology. It should be made from his major work - Being and Time (1927) - in which we understand that man can only exist as intimacy with the world and into a circuit of intelligence with the real. Existence means to be immersed in opportunities/possibilities that must be appropriate in a self-understanding that already implies the understanding and disclosure of Being. We proceed by analyzing commentators questioning that deal with the author-based, based on an analysis of the Introduction and Afterword of the work of author and translator of the original Note, which will be use for a better understanding of the terms used by the author. This work aims to facilitate the early studies of Heidegger, giving support to understand the terms used. Take as thread the question of being related to the worldliness and responsiveness.

Keywords: Contemporary Philosophy, Heidegger, Being and Time; Ontology.

Introdução

O que significa “ser” e por que a “questão do ser” interessa ao homem e à filosofia? Esta pergunta pode sintetizar o núcleo do pensamento heideggeriano. Neste pensador a obra *Ser e Tempo* (*Sein und Zeit* - 1927) é um nó incontornável; além disso, ela se apresenta

¹ Professor de Filosofia da UNIFRA. Mestre em Filosofia pela UFSM. Doutorando em Filosofia pela UFSM.

² Mestre em História pela PUCRS. Formada em História pela UNIFRA. Acadêmica do Curso de Filosofia da UNIFRA. Bolsista PIBID-UNIFRA.

³ Acadêmica do Curso de Filosofia da UNIFRA Bolsista PIBID-UNIFRA.

como um dos mais importantes tratados filosóficos elaborados na contemporaneidade e que possibilitou a *renovação da ontologia* num contexto em que a filosofia tentava se reabilitar frente ao cientificismo dominante e realismo ingênuo. É precisamente contra o idealismo e o empirismo reducionistas que vemos Heidegger se posicionar desde sua inserção na *escola fenomenológica* e na transformação da mesma. *Sein un Zeit* é uma obra de fôlego pela sua estrutura conceitual intrincada e pela consistência filosófica do esforço descritivo cristalizado em termos conceituais – muitos deles neologismos - elaborados com rigor por seu autor em quase quinhentas páginas.

Martin Heidegger (1889-1976) descrevia sua Filosofia como sendo a busca pelo SENTIDO do SER. Nele o *problema da significação* e o *problema da entidade* se cruzam. Neste labor, ele estabelece uma distinção fundamental – a qual foi chamada *diferença ontológica* – entre a existência e a essência, entre o ser e o ente, entre a possibilidade e a efetividade de tudo o que chamamos de “real”. É esta diferença – esta defasagem fundamental – que a compreensão vem tentar cobrir numa tensão hermenêutica que é articulada na facticidade do existente humano em sua situação cotidiana.

Filiado à **Escola Fenomenológica** de Edmund Husserl (1859-1938), Martin Heidegger foi marcado pelo clima das *Investigações Lógicas* (1901) e pelas *Lições sobre a Consciência Íntima do Tempo* (1928) do pensador morávio. A Fenomenologia é um método descritivo que concebe a consciência como ligada a uma *experiência de significação* a partir da qual a essência do real é acessada desde uma intuição (*erfüllung* – “plenificação”, auto-doação originária do ser) que é iluminada pela “doação de sentido” (*sinngebung*) da atenção consciente de um ego intencional. Cada ato consciente dirige atenção para um real intuído, o qual é iluminado e compreendido como um *horizonte de sentido*. A *Análise Intencional* (da Consciência Transcendental doadora de sentido) husserliana irá ser desdobrada de modo a delinear uma Ontologia Formal, isto é, uma teoria do ser em geral segundo uma lógica transcendental (ideadora e intencional). Heidegger irá questionar certo lastro idealista em Husserl e, a partir dos estudos aristotélicos de Franz Brentano (1838-1917), irá radicalizar a *questão ontológica* de fundo na teoria da intuição e na ontologia formal husserlianas. Tal radicalização o levará a conceber uma Ontologia Fundamental que revela como a questão do ser só pode ser respondida se analisarmos o modo de existir mediano do único ente capaz de compreender o ser e expressar na linguagem esta compreensão: o homem. Este será abordado de forma modal, como função de acesso prático-afetivo/compreensivo ao ser.

Heidegger é considerado influenciador da Filosofia Existencialista, mas sem se considerar um existencialista, pois dizia que o que fazia era uma Filosofia da Existência e não um Existencialismo. Decerto que sua *Análise Existencial* – ou analítica da facticidade humana – era construída em vista de uma abertura e delineamento da Ontologia Fundamental. Uma vez que a *Questão do Ser* só pode ser respondida pela descrição daquele que a pode formular, “abertura e apreensão” articuladas no existir humano traduzem já um movimento íntimo de compreensão do ser. Esta “intimidade” com o Ser é condição para sua compreensão, mas também é algo que o encobre; estamos tão próximos do ser e tão mergulhados no mundo que “esquecemos” do modo fundamental como o ser se revela a nós e é compreendido por cada um e em cada um. É por isso que Heidegger se empenha em recolocar e elucidar esta íntima e obscura *questão do ser*.

Na Introdução de sua obra mais famosa, *Ser e Tempo*, Heidegger lança as bases para a compreensão do Ser e para o que vai desenvolver em toda a sua obra. Em sua teoria sobre este Ser – previamente “aí” – que se encontra no mundo, sua existência, sua temporalidade e a compreensão de sua finitude, Heidegger irá mostrar que a facticidade do homem traz a *questão do ser* em seu bojo por este *ser-em-questão*.

Metodologia

Para a realização desse intento, a metodologia utilizada nessa pesquisa integrou leitura, análise e discussão de textos e artigos que versam sobre a Filosofia heideggeriana. Em especial partiu-se da análise da Introdução, da Nota inicial da Tradutora⁴ e do Posfácio de *Ser e Tempo* (2009). A escolha por estas partes da obra se deve ao fato desse estudo ter sido proposto como uma investigação de caráter introdutório ao entendimento de Heidegger e de *Ser e Tempo*, dado o seu elevado grau de complexidade (ao que se pretende ser apenas o início de tais estudos, dando continuidade a eles posteriormente).

Para dar um suporte teórico à pesquisa se utilizou textos do próprio Heidegger, tal como “*Que é Metafísica?*”. Viu-se também a necessidade da construção de um diálogo com

⁴ Há um debate acerca da tradução para língua portuguesa do termo heideggeriano *DASEIN*, quanto a sua tradução literal ou conceitual. A tradutora da edição brasileira optou pelo termo “presença” na acepção de “ser-aí-prévio” ou de “modo-de-ser-previamente”. O termo se traduziria literalmente por “ser-aí”, uma vez que o *DA* tem uma função adverbial indicativa de uma situação espaço temporal. Há autores que traduzem como “ser-o-aí” no sentido de estar-aí-implicado-come-ser-no-mundo. Já nas traduções da obra para outros idiomas, como o espanhol e o francês, o termo *DASEIN* é mantido no original alemão, não tendo uma tradução, nem literal, tão pouco conceitual. Porém, uma vez que esse debate ainda está em aberto no Brasil e dado que não nos compete agora resolvê-la, mantemos por hora a opção da tradutora da edição brasileira escolhida para essa pesquisa.

outros autores que pesquisam as obras do filósofo alemão. Utilizamos referências tais como: o artigo *Mundaneidade, utensílio e existência: uma análise do capítulo III de Ser e Tempo de Heidegger*, elaborado por Cristiano Cerezer, que deu esclarecimentos e “insights” à pesquisa acerca da filosofia heideggeriana; assim como *Sentido e Compreensão em Ser e Tempo*, que foi a dissertação de mestrado de Thiago Carreira Alves Nascimento, que foi esclarecedora no tocante a questão da “significação” em Heidegger. Com estas leituras, pôde-se ter uma maior compreensão, introdutória, sobre o que vem a ser o *Ser* e o *Tempo* em Heidegger, suas relações e consequências.

Para um melhor entendimento da obra, precisa-se também destacar a utilização feita por Heidegger de alguns termos, expressões e conceitos em *Ser e Tempo* e que necessitam de maiores discussões. Como é o caso, em especial, do termo *Dasein* (Ser-aí, Presença), que em sua complexidade e essencialidade, se constitui como um termo decisivo e de extrema importância a composição de *Ser e Tempo* e para a compreensão desta obra e de toda a Filosofia de Heidegger.

Na edição brasileira de *Ser e Tempo*, o termo *Dasein* (Ser-aí, Presença) foi traduzido por “presença”. Em nota à quarta edição do volume único, a tradutora faz uma exaustiva e necessária explicação para justificar tal tradução. Num primeiro momento a escolha feita por ela pode parecer ir até contra os próprios preceitos de Heidegger, quando este afirma em *Contribuições à filosofia* de que a tradução para o francês de *Dasein* por “présence” não abarcaria os significados de fato do termo empregado por ele. Mas, o que SCHUBACK explica é que “presença” no francês e no português do Brasil não alcançaria os mesmos sentidos (SCHUBACK, 2005. In: HEIDEGGER, 2009, p.24). Caberia então para a edição brasileira, segundo SCHUBACK a utilização sim do termo “presença” como tradução de *Dasein*, e que a tradução por *ser-aí* tão utilizada e vinculada anteriormente e a própria não tradução de *Dasein* deixariam a desejar quanto ao sentido que realmente o termo em alemão queria transmitir e ao entendimento propiciado ou não pelas traduções.

SCHUBACK afirma que suas escolhas são corroboradas por outros estudiosos de Heidegger, incluídos entre eles Emmanuel Carneiro Leão, Henri Birault e Henri Maldiney, que compartilham da ideia de que o termo “presença” “exprimiria o fazer-se presença do homem ao ser e o fazer-se presença do ser ao homem” (SCHUBACK, 2005. In: HEIDEGGER, 2009, p.29), o que o *ser-aí* não consegue expressar com tamanha amplitude.

Neste sentido então, *Dasein* seria entendido, e é como ele vai ser trabalhado (entendido) nesse estudo, como presença: estar-aí como ser-no-mundo, compreensão fática do homem, indicação da experiência, palavra condutora a serviço do pensamento. *Dasein* é o verbo que conjuga o que nele está contido “o si mesmo”, o “outro”, “o em si”, o “sem em-si e para além de si”; enfim, as relações do ser presente no mundo.

Esse artigo se dedica a tentar desfazer os primeiros “nós” sobre os entendimentos tão caros a obra de Heidegger. Centra-se nas discussões feitas na Introdução de *Ser e Tempo* sobre as construções do filósofo para: *ser*; *ente*; *presença*; *tempo* e *temporalidade*; e, *existência*.

Uma introdução investigativa aos estudos Heideggerianos a partir de *Ser e Tempo*

Martin Heidegger é um autor contemporâneo, atento aos debates de sua época, o qual desenvolve seu pensamento como uma preocupação em analisar a interpretação e o sentido do Ser desde suas acepções clássicas (revisadas criticamente) e na concretude cotidiana (acessada faticamente). Coloca-se a *questão da existência* em que “Compreender o ser é existir de maneira a inquietar-se com a sua própria existência.” (CEREZER, 2010); o homem existe de tal maneira que compreende o ser. O Ser aparece ao homem não como uma noção teórica dada à contemplação, mas como uma *tensão interna* ou inquietação que atravessa a sua existência prática (LÉVINAS, p.77-79). O contato com o real é já uma intimidade com ele, estamos desde sempre já mergulhados numa “pré-compreensão” prático-afetiva daquilo que posteriormente poderemos pensar ou falar. A noção de *compreensão (verstehen)* é agenciadora de toda a filosofia heideggeriana. Compreender é acessar o e aceder ao real, envolve transcendência para e inteligência daquilo que “é” (p.98). Quando contemplamos um objeto e entendemos do que se trata, o que é que torna possível esse acesso a ele como significante, isto é, a compreensão de sua essência? Para Heidegger compreendemos os objetos porque temos conosco o “esboço estrutural” que desenha o “modo” dele vir a nós. Esta “estrutura prévia” é o que a analítica existencial descreverá em vista de uma “ontologia fundamental”. Todavia, para Heidegger, a compreensão envolve um dinamismo no qual a estrutura é moldada e revelada dentro de uma “abertura ao ser”; tal abertura é a temporalidade humana como horizonte de compreensão (p.107-10). O tempo se desenrola a partir da inquietação da qual ele é a significação, a qual ele permite compreender

e apreender. O esboço da compreensão do ser é a temporalização do existente humano inquieto com sua própria finitude (p.110-11).

Todas estas análises estão presentes em *Ser e Tempo (Sein und Zeit – 1927)*. Destarte, é sobre esta obra que deve versar uma introdução ao itinerário heideggeriano. É preciso compreender a visão de Heidegger acerca da relação entre Ser, Tempo e Mundo dentro de sua refundação do problema ontológico. O objetivo de *Ser e Tempo* é discutir a questão do sentido do *ser* e da interpretação do *tempo* como horizonte de compreensão do ser a partir dos modos de ser-no-mundo do homem em situação: *Dasein* (ser-aí, ser-o-aí, pré-sença, ser-aí-prévio). Trabalhando com “problema do sentido do ser” com lente, faremos uma análise introdutória a alguns termos e aspectos importantes de *Ser e Tempo*.

Todavia, a preocupação com o esclarecimento e a interpretação do Ser e seu sentido, não teve início com o filósofo alemão, mas sim já havia sido discutida por outros autores no decorrer da História da Filosofia. Para a formulação do conceito de Ser, Heidegger partiu do estudo destes autores, concordando, discordando e indo além deles.

Heidegger vê a necessidade de discriminar e examinar três (pré) conceitos fundamentais sobre o Ser para, a partir daí, traçar uma melhor compreensão do sentido desse Ser. Ei-los: **“Ser” é “mais universal”** – para Platão o estudo do Ser se transformou no estudo da “dialética”; Aristóteles destaca que o Ser é tratado como uma “unidade da analogia”, que seriam as categorias apresentadas na obra *Metafísica*; Hegel determina o “ser” como “imediato indeterminado”, e que se o seu conceito é universal não significa que seja um conceito simples e menos obscuro. **O “Ser” é indefinível** – “ser” não pode ser concebido como ente; o “ser” não poder ser determinado, atribuindo-lhe um ente; “ser” não é ente; nesse sentido os fundamentos da antiga ontologia não podem ser aplicados ao “ser”. **O “Ser” é evidente por si mesmo** – a necessidade da compreensão e sentido do ser e a obscuridade que envolve estes demonstram à necessidade do retorno a questão do sentido do “ser”. Heidegger perguntará: em que consistem fundamentalmente tal universalidade, indefinição e evidência? Que é SER?

Após esse exame dos (pre) conceitos, Heidegger sente a necessidade de iniciar a discussão sobre o Ser – a *colocação* da questão do Ser – a questão do seu sentido e da sua compreensão. Isto só poderá ter início (compreensão do Ser) na medida em que for elaborado um conceito de Ser, e ao elaborar a questão do Ser, o Ente torna-se transparente. Nesse sentido, “(...) uma compreensão de ser está em jogo em todo comportamento para

com entes.” (NASCIMENTO, 2009, p.17). Isto é, para podermos entender os sentidos do ser, vamos precisar analisar também os sentidos constituídos do ente. Ao analisarmos os sentidos “constituídos” poderíamos aceder à “constituição”.

O Ser é “verbo” (ação, possibilidade); o Ente é “substantivo” (determinado); a Modalidade é “advérbio” (determinação, disposição). O Ser em Heidegger se dá segundo certos “modos de ser”, pelos quais se revela a essência de cada algo, enquanto que o Ente que compreende o ser é o homem, que se configura abertura compreensiva ao ser em geral como suas possibilidades de existir. O homem está sempre em uma situação, lançado nela e em relação ativa com ela. O homem não é simples-presença-dada, ele é ação no mundo, é *aquele ente para o qual as coisas estão presentes*. “Trans-aparente” – para ele e através dele as coisas aparecem e se apresentam. A essência do ser-aí consiste em sua existência. *Existir*: tensão-para atravessando cada gesto e instante; ser-no-mundo como transcendência para um futuro antecipado. O Ente pode vir a ser determinado em seu Ser sem que para isso seja necessário já dispor de um conceito explícito sobre o sentido de Ser (HEIDEGGER, 2009. p.43).

Assim, pode-se entender por ente, tudo de que falamos, compreendemos, sendo considerada também como nós mesmo somos. O ser está naquilo como é, ou seja, “no ser simplesmente dado” (*Vorhandenheit*), na substancialidade desse ser. Não obstante, o homem é um ente privilegiado, pois há um dinamismo que o atravessa e que se traduz em sua própria *existência* cuja *essência* consiste num movimento de compreensão do ser. Mas tal compreensão pressupõe uma intimidade, uma familiaridade, com o ser enquanto aquilo que está disponível à mão, acessível a um comportamento prático-afetivo. A manutenção da existência se revela na “tensão da mão estendida”.

Para uma melhor apropriação da questão da compreensão de Heidegger em relação ao *Dasein* (Ser-aí, Presença), Nascimento, afirma:

Segundo Heidegger, a própria compreensão “se deixa referenciar nessas e para essas remissões” (*Ibid.*, p. 87), ou seja, o ser-aí se compreende a partir de uma familiaridade do contexto no qual se efetivam suas próprias práticas, para aquilo em face do que se comporta; sua “ação” no mundo. O ponto aqui é o seguinte: se a compreensão do ser-aí implica uma certa habilidade no tocante ao comportamento para com os entes, e se o ser-aí se compreende a partir de uma familiaridade do próprio contexto no qual se efetiva tal comportamento, pode-se dizer que o saber que o ser-aí tem acerca de si mesmo é oriundo de seu comportamento para com os entes, suas práticas, ou seja, um saber concernente às suas habilidades no tocante à ocupação com os entes em geral. (NASCIMENTO, 2009, p.19).

Sendo assim, compreende-se que na questão levantada por Heidegger, está envolvida uma ocupação com os entes intramundanos, os quais significam em relação ao *Dasein*, ao ser-aí ou presença. Este por sua vez declara que o Ser só pode ser determinado a partir de seu sentido com ele mesmo, não podendo ser comparado com algo que tivesse condições de determiná-lo positivamente em seu sentido (LEÃO, [19--]. In: HEIDEGGER, 2009, p.551.), ele se dá por si só, envolvendo-se com os outros entes, dando significado a sua existência como um todo. Eis aí a diferença entre Ser e Ente, enquanto o primeiro, isto é, *Dasein* (Ser-aí, Presença), é um ser-no-mundo, cuja sua essência é sua existência, o Ente é compreendido pelo fato de ser-do-mundo, havendo aqui a distinção entre a *existência*, sendo o modo dinâmico do ser humano, e a sua *disponibilidade (vorhandenheit)*, que é a sua presença pura e simples das coisas inertes (CEREZER, 2010, p. 3).

Para Heidegger a *Questão do Ser* vai além de se estar presa às condições *a priori* da contabilidade da ciência que pesquisa os entes. A problemática ontológica vai além, pois a *ontologia fundamental* visa às condições de possibilidade das próprias ontologias regionais ou derivadas, que podem ou não anteceder as questões ônticas. As ciências descrevem “regiões do ser”, enquanto a ontologia fundamental descreve o SER e as modalidades originárias de sua COMPREENSÃO. Heidegger não tinha a intenção de desmerecer as outras interpretações sobre a questão do Ser, mas sim fazer com que houvesse o entendimento de que não se pode estudar o Ser por partes, pois ele é uma totalidade dinâmica conexa pelo Tempo mundano, ao modo temporal da auto-compreensão do “ser-aí/presença” (*dasein*) a qual implica compreender o mundo uma vez que uma de suas determinações ontológicas fundamentais é ser-no-mundo. A mundaneidade surge tanto como ambiência da ação concreta do homem quanto estrutura normativa de toda ação possível enquanto condicionada por uma situação e uma referencialidade a qual remete, em última instância, ao ser-aí angustiado com sua finitude. No fim das contas, o humano manifestaria o interesse pelo ser – ocupação com os entes – por que ele está interessado por si-mesmo, pré-ocupado com seu fim pressentido: homem filho do Cuidado (*sorge*).

Após esclarecer o que se entende por “Ser” como seu sentido próprio e pode-se dar início a descrição de sua conexão com o Tempo, esclarecendo a ideia e o enfoque principal que Heidegger queria abordar na sua compreensão do *Ser* relacionado ao *Tempo*. Para isso haverá uma ligação direta com as palavras utilizadas por Heidegger,

Na análise do ser-aí, ou na assim chamada *analítica existencial*, o ser-no-mundo é tratado como aquele que está sempre ocupado com algo, preocupado com um afazer, aplicando-se a uma tarefa, podendo esta ser um empreender, um impor, pesquisar, interrogar, considerar, discutir e determinar. (HEIDEGGER, 2009, p.95)

Já que o Ser-aí é um ser-no-mundo, ele está para o mundo quanto a sua completude, compreensão e temporalidade. O Ser entende-se enquanto pertencente e enquanto agente desse mundo, toma consciência da sua existência e sabe que está fadado à finitude, atrelado a uma temporalidade, que é o seu tempo-de-existência-no-mundo. Assim, para Heidegger o homem só pode existir enquanto estiver ligado ao mundo, engajado numa existência mundana. Heidegger, não quer entender o que vem após a morte e nem explicar o que acontece quando deixamos de ser um ente, ele quer explicar e compreender como se dá a relação entre o ente (homem, ser-em-situação) com o tempo (ser-no-mundo como estar-jogado-cuidando-se-no-pré-sentimento-do-fim) e as conseqüências decorrentes dessa relação. Temporalidade e Mundaneidade se conectam na Finitude humana.

A passagem de Ente ao Ser se estabelece justamente no momento em que o homem toma consciência de sua existência e de sua temporalidade, isto é, que ele é finito e como tal (e como afirma Heidegger) é um *ser-para-a-morte*. Deixando bem claro que, o SER-AÍ/PRESENÇA não pode tentar “se compreender” sem ao mesmo tempo “compreender o mundo”, pois no momento em que o “Ser-aí” compreende a relação do tempo consigo, consegue captar a sua relação enquanto Ser e compreender o seu sentido, a sua existência. A **questão do ser** se revela ao homem enquanto este sente seu próprio ser em questão. É enquanto **ser-em-questão**, angustiado e preocupado, que o existente acessa os demais entes e os compreende dentro de um plexo de referências tateadas. A questão do ser se coloca a partir deste ser-em-questão.

Desta forma, Heidegger destaca que o homem enquanto Ser-aí só existe ligado ao mundo, ou seja, ligado ao tempo mundano, onde atua, convive e tenta entender o mundo com o intuito de se entender. Pois, o tempo é o horizonte fluído e tenso onde a “pré-sença” pode compreender a SI e ao SER interpretando seus referenciais mundanos. O tempo se revela, para Heidegger, como horizonte de toda a compreensão e interpretação do ser, tornando-se assim necessária uma explicação originária do tempo enquanto movimento e estruturação/orientação do compreender, como Ser da “pré-sença”, que se perfaz no movimento temporal de compreensão de Ser (HEIDEGGER, 2009, p.55).

A “presença” (*pré-ens, dasein, être là*), o “ser-aí”, é a função ontológica do homem enquanto articulando a **compreensão do ser** no seio de sua **auto-compreensão**. Estabelece-se uma espécie de “circuito de inteligência” entre o homem e o real. O Ser desse ente peculiar (homem) é a sua capacidade de compreender a si mesmo e nisto se abrir aos seres que o circundam. “A compreensão do Ser é em si mesma uma determinação do Ser da presença.” (HEIDEGGER, 2009), pois a presença se manifesta no ser-no-mundo, no Ser consciente de sua existência. Existência esta que só poderá ser esclarecida pelo próprio sentido de existir.

Heidegger renovou a problemática ontológica na medida em que ousou religar a compreensão do ser com a concretude do existir humano enquanto revelador das modalidades prévias da relação com e inteligência do ser. A importância da *analítica existencial da pre-sença*, é que se dá “pré-lineada” (na sua possibilidade e na sua necessidade) na constituição ôntica do DASEIN a **Ontologia Fundamental** de onde todas as outras irão se originar. Pois assim,

Quando a interpretação do sentido do ser torna-se uma tarefa, a presença não é apenas o ente a ser interrogado primeiro. É, sobretudo, o ente que desde sempre, *se* relaciona e comporta como o que se questiona nessa questão. A questão do ser não é senão a radicalização de uma tendência ontológica essencial, própria da presença, a saber, da compreensão pré-ontológica de ser (HEIDEGGER, 2009, 51.).

Entende então que, para Heidegger, uma *análise da facticidade do ser-aí* constitui o primeiro desafio e a condição metodológica na elaboração da **Interrogação do Ser**. Portanto, não se deve na construção de uma Ontologia Fundamental aplicar dogmas, categorias prontas por mais “evidentes” que sejam, mas sim deve deixar “falar o ser” mediante as articulações da existência concreta e das disposições originárias do homem no mundo. Homem-encruzilhada-do-Ser: este “Ente inquieto” através do qual o Ser pode ganhar voz, para mostrar-se em si mesmo e por si mesmo.

Esclarecendo Termos

Para um melhor esclarecimento dos termos e expressões utilizadas por Heidegger na Introdução de *Ser e Tempo*, a exemplo de NASCIMENTO (2009) e de outros autores,

julgou-se necessária a construção de um Glossário Filosófico Heideggeriano. O Glossário apresentado aqui se baseia principalmente na tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback e, em especial, na sua Nota Introdutória, intitulada *A Perplexidade da Presença* (2005), feita à edição de 2009 de *Ser e Tempo*.

Tabela 1 – Quadro de Termos: Glossário Filosófico Heideggeriano

TERMO EM ALEMÃO	TRADUÇÃO
<i>Sein und Zeit</i>	<i>Ser e Tempo</i>
<i>Sein</i>	<i>Ser</i>
<i>Dasein</i>	Presença; ser-aí
<i>In der- Welt-sein</i>	Ser-no-mundo
<i>Sein zum Tode</i>	Ser- para-a-morte
<i>Vorhandenheit</i>	Ser simplesmente dado; substancialidade do ser
<i>Weltlichkeit</i>	Mundaneidade
<i>Wesen</i>	Essência
<i>Welt</i>	Mundo
<i>Nirch</i>	Nada
<i>Ding</i>	<i>Coisa</i>
<i>Erscheinung</i>	Manifestação
<i>Erscheinungen</i>	Manifestações
<i>Blosse Erscheinung</i>	mera manifestação
<i>Scheinen</i>	aparecer/ aparência
<i>Zeitlichkeit</i>	Temporalidade

Mas qual a importância do estudo e análise desses termos para a Filosofia heideggeriana? A compreensão de tais terminologias é de extrema valia para o entendimento de Heidegger como um todo, pois todos esses termos estão interrelacionados dentro de sua Filosofia, formando um emaranhado-lógico que se completa e que busca responder aos

questionamentos levantados por Heidegger, em especial sobre o *Ser* e também sobre a sua relação com o *Tempo*.

Considerações Finais

Através dos estudos realizados, a proposta presente neste trabalho foi a de dar início a uma maior compreensão da Filosofia de Heidegger, principalmente no que tange a análise desta a partir da obra *Ser e Tempo*, na busca para compreender os aspectos que permeiam a questão do Ser, principalmente colocada em relação com o Tempo.

Desta forma, bem como se explicitou no decorrer do artigo, os termos e conceitos em Heidegger se entrelaçam. O Ser que se comunica com o Ente e juntos formam um uno complexo, que se apresenta hora somente como Ente, hora somente como Ser. Tendo como ponto de partida a compreensão da sua situação-no-mundo, em que lhe produz a consciência da existência, que se abre para a compreensão do mundo e do próprio Ser. E, é nessa situação-do-ser-no-mundo que está contida também a sua temporalidade, o tempo de existência no mundo, do nascimento até a sua morte.

Por se tratar ainda de um estudo introdutório vê-se a necessidade de explorações mais profundas em alguns aspectos da Filosofia heideggeriana, inclusive sobre o próprio conceito de “Ser”, por se tratar de estruturas tão complexas e que às vezes se configuram como conceitos de difícil apreensão. Por isso e por tantos outros, destaca-se a necessidade de continuidade da pesquisa, na busca incessante da compreensão do Ser, do Tempo e do Mundo em que se habita. Não obstante, fiquem remarcados aqui os méritos filosóficos de MARTIN HEIDEGGER enquanto renovador da *problemática ontológica* na contemporaneidade a partir da *análise fenomenológica da facticidade humana*. Para Heidegger a **Questão do Ser** é tão íntima a ponto de se entranhar em nossa existência, em nosso **Ser-em-Questão**. Esta intimidade condiciona e encobre o *sentido do ser*. A grande tarefa da Filosofia seria “desentupir os ouvidos” e fazer soar claramente esta questão velada em nossa existência cotidiana e revestida por nossas criações culturais. Para Heidegger a Filosofia é a guardiã da Questão do Ser, é fundamentalmente ONTOLOGIA.

Referências

CEREZER, C.; FLORES, A. P. M., ZANARDI, I., Introdução aos estudos Heideggerianos a partir de *Ser e Tempo*: uma renovação contemporânea da íntima questão do Ser.

Bibliográficas

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução de Maria Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 4 ed, 2009.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. Posfácio. _____, [19--]. In: HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes. 4 ed, 2009. p.549-560.

LÉVINAS, Emmanuel. **Descobrimo a Existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Piaget, 1998. – (Coleção Pensamento e Filosofia; 23)

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: do Romantismo até nossos dias. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHUBACK, Maria Sá Cavalcante. A Perplexidade da Presença. _____, 2005. In: HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes. 4 ed, 2009. p.15-32.

STEGMÜLLER, Wolfgang. **A Filosofia Contemporânea** – introdução crítica: Volume 1. São Paulo: E.P.U, 1977.

Eletrônicas

CEREZER, Cristiano. Mundaneidade, utensílio e existência: uma análise do capítulo III de *Ser e Tempo* de Heidegger. **Revista Frontistes**. Santa Maria, RS: 2010. Disponível em: <www.fapas.edu.br/frontistes/artigos/Artigo21.doc>. Acesso em: 29 maio 2012.

HEIDEGGER, Martin. Que é Metafísica? Tradução Ernildo Stein. **Biblioteca do Pensamento Clássico**. Disponível em: <<http://www.psbnacional.org.br/bib/b20.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2012.

MERTENS, Roberto S.Kahlmeyer. Como Heidegger interpreta o começo da Metafísica em *Ser e Tempo*? In: **Revista Ítaca**. Rio de Janeiro: 2009. Disponível em: <<http://revistaitaca.org/versoes/vers09-08/174-181.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2012.

NASCIMENTO, Thiago Carreira Alves; REIS, Robson Ramos dos. **Sentido e Compreensão em Ser e Tempo**. Santa Maria, RS: 2009. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/ppgf/menuesp2/cf995b196988e8a20c12f501d1846137.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2012.